

A BELEZA DA LITURGIA

2ª edição
Revista e aumentada



SECRETARIADO NACIONAL DE LITURGIA

Fátima, 2015

COLABORADORES:

António Júlio da Silva Cartageno

João da Silva Peixoto

José de Leão Cordeiro (*organizador e colaborador principal*)

Manuel Augusto da Silva Frade

Sebastião Ferreira de Faria

IMPRIMATUR

Bragança, 1 de Novembro de 2015

Solenidade de Todos os Santos

✠ JOSÉ MANUEL GARCIA CORDEIRO

Bispo de Bragança-Miranda

Presidente da Comissão Episcopal da Liturgia e Espiritualidade

Reservados todos os direitos
de acordo com a legislação em vigor.

© Secretariado Nacional de Liturgia
Casa Santa Ana – Santuário de Fátima
Apartado 10
2496-908 FÁTIMA
Tel. 249 533 327
secretariado@liturgia.pt
www.liturgia.pt

1ª edição: Junho de 2012

2ª edição: Novembro de 2015

Impressão • Acabamento:
Artipol – Artes Gráficas, Lda. – Águeda

Depósito Legal n° 400229/15

ISBN 978-989-8293-78-7

APRESENTAÇÃO

Com imenso júbilo e agradecimento acolhemos a segunda edição revista e aumentada do livro: *A beleza da liturgia*. Trata-se de um contributo significativo para a educação litúrgica em língua portuguesa. Registamos com enorme satisfação o aumento de questões litúrgico-pastorais que muitas pessoas colocam ao Secretariado Nacional de Liturgia e à Comissão Episcopal da Liturgia e Espiritualidade e as consequentes e inteligentes respostas que figuram nesta feliz publicação.

O grande objectivo da Reforma Litúrgica «*foi suscitar uma espiritualidade e uma pastoral que tenham como cume e fonte a Liturgia*»¹ e como refere a própria *Sacrosanctum Concilium* «*é desejo ardente da Mãe Igreja que todos os fiéis cheguem à plena, consciente e activa participação nas celebrações litúrgicas, que a própria natureza da Liturgia exige e que é, em virtude do seu Baptismo, um direito e um dever do povo cristão, «geração escolhida, sacerdócio real, nação santa, povo resgatado» (1 Ped 2, 9; cf. 2, 4-5). (...) Mas, porque não se pode esperar que isto aconteça, se antes os pastores de almas não estiverem profundamente impregnados do espírito e da virtude da Liturgia e nela se tornarem mestres, é indispensável assegurar em primeiro lugar a formação litúrgica do clero*».²

A educação litúrgica é decisiva, porque a participação activa, plena, consciente e frutuosa na celebração, fundada na estrutura sacramental da Igreja e no sacerdócio de Cristo é um direito e um dever de todos os fiéis. A urgência da necessidade de promover a educação litúrgica dos pastores e do povo cristão é condição para a meta da reforma litúrgica, ou seja, a participação activa e consciente de todos.

Agradecemos do coração aos colaboradores desta segunda edição: P. António Júlio da Silva Cartageno, Cón. João da Silva Peixoto, P. José de Leão Cordeiro (organizador e colaborador principal), P. Manuel Augusto da Silva Frade e P. Sebastião Ferreira de Faria.

Igualmente, a nossa profunda gratidão à equipa do Secretariado Nacional de Liturgia, em especial ao P. Pedro Ferreira, ao Delfim Machado e à Paula.

✠ JOSÉ MANUEL GARCIA CORDEIRO
Bispo de Bragança-Miranda

Presidente da Comissão Episcopal da Liturgia e Espiritualidade

¹ C. VAGAGINI, «Spiritualità sacerdotale e spiritualità litúrgica», *Rivista Liturgica* 52 (1965) 285.

² *Sacrosanctum Concilium* 14.

SIGLAS UTILIZADAS NO LIVRO

A, B, C	–	Anos Litúrgicos
AL	–	Antologia Litúrgica (2ª edição)
CB	–	Cerimonial dos Bispos
CDAP	–	Celebrações Dominicais na Ausência do Presbítero
CDC	–	Código de Direito Canónico
CE	–	Comissões Episcopais
CEFM	–	Sagrada Comunhão e Culto do Mistério Eucarístico fora da Missa
CELE	–	Comissão Episcopal da Liturgia e Espiritualidade
CEP	–	Conferência Episcopal Portuguesa
CIC	–	Catecismo da Igreja Católica
CJIC	–	Catecismo Jovem da Igreja Católica
DE	–	Directório Ecuménico
DIA	–	Dedicação da Igreja e do Altar
DMC	–	Directório das Missas com Crianças
EDIL	–	<i>Enchiridion Documentorum Instaurationis Liturgicae</i>
EDREL	–	Enquirídio dos Documentos da Reforma Litúrgica (2ª edição)
IGLH	–	Instrução Geral sobre a Liturgia das Horas
IGMR	–	Instrução Geral do Missal Romano
MI	–	Manual das Indulgências
MR	–	Missal Romano
NGALC	–	Normas Gerais do Ano Litúrgico e do Calendário
OLM	–	Ordenamento das Leituras da Missa
OR	–	<i>Ordo Romanus</i>
RBC	–	Ritual do Baptismo das Crianças
RCB	–	Ritual da Celebração das Bênçãos
RICA	–	Ritual da Iniciação Cristã dos Adultos
SC	–	Constituição <i>Sacrosanctum Concilium</i>

INTRODUÇÃO

Nos meus tempos de jocista utilizei muitas vezes, para aprender cânticos novos do Movimento, um pequeno livro, de capa verde, editado pelas edições “JOC”. Entre esses cânticos, com acompanhamento musical a piano, havia um que se exprimia assim: “Ouçam uma história muito bem contada: | Deus criou o mundo, tirou-o do nada. | Por isso se diz que Deus é Criador; | Louvemos a Deus Nosso Senhor”. || “No princípio nada havia, | Nem mar nem terra nem céu, | Nada no mundo existia, | Mas já existia Deus. | Só Deus não teve princípio, | Nem tão pouco há-de ter fim, | Criou o mundo em seis dias, | Eu vou contar, foi assim...”. || “Para começar, logo ao primeiro dia, | Deus criou a Luz, que é toda alegria. | No segundo dia fez o firmamento, | Tão azul quando não está cinzento” ||.

E o cântico prosseguia, recordando a obra da criação do mundo, por Deus, nos seis dias do relato bíblico do Livro do Génesis (*Gen 1, 1-31*): “No terceiro fez a terra | E separou-a do mar, | Com plantas para a cobrir | E flores para a enfeitar. | Fez a erva e o pinheiro, | A laranja e o limão, | Fez o milho, fez o trigo, | Para a b’roa e para o pão”...

Quando mais tarde fui ordenado presbítero, nas minhas lides pastorais gostava de ensinar o *Cântico da Criação* às crianças da catequese. E elas, uma vez aprendida a melodia e fixadas as palavras, gostavam de o cantar no início de quase todas as catequese, sem que a repetição as cansasse.

As coisas feitas pela mão do homem, ao contrário das que foram criadas por Deus infinito e eterno, que não teve princípio nem tão pouco há-de ter fim, começam num dia e acabam noutra, como o livro que tem entre mãos, caríssimo leitor ou leitora. Ele teve uma data para começar e outra para ser acabado. Vou-lhe contar como foi, parafraseando os dizeres da canção.

Certa manhã, alguém escreveu uma carta ao Secretariado Nacional de Liturgia fazendo uma pergunta relacionada com a celebração da Missa. Respondeu-lhe um dos vogais do mesmo Secretariado, e foi como se alguém provocasse um incêndio. Não tardaram a surgir perguntas e mais perguntas de participantes nos nossos Encontros Nacionais ou Diocesanos de Liturgia, e, logo a seguir, de pessoas que tinham conhecimento dessas respostas, morassem elas no Brasil ou nalgum dos Países que fazem parte dos PALOPs. Interpretámos o fenómeno como sinal do desejo e necessidade que muitos cristãos sentem de aprofundar as coisas da Liturgia, que a Constituição Sacrosanctum Concilium «*considera como o exercício da função sacerdotal de Cristo, na qual os sinais sensíveis significam e, cada um à sua maneira, realizam a santificação dos homens e o Corpo Místico de Jesus Cristo – cabeça e membros – presta a Deus o culto público integral*» (SC 7; EDREL 7).

A todas se respondia, na medida do tempo disponível e na data mais livre de outros trabalhos urgentes, dado que este não era prioritário, mas apenas e só uma forma de realização pessoal que nos dava muito prazer. Pensava-se na solução a dar à pergunta feita, escrevia-se a resposta no computador e depois enviava-se pela Internet. Os destinatários eram pessoas que não conhecíamos, mas que tinham gosto pela Liturgia e não receavam apresentar-nos todo o género de questões, das mais simples às mais complexas.

As respostas foram-se acumulando e, um belo dia, alguém nos sugeriu que era tempo de juntá-las em livro e de as colocar à disposição de quem quisesse conhecê-las. Publicou-se a 1.^a Edição em 2012, com o título sugestivo *A beleza da liturgia*, escolhido pelo P. Pedro Ferreira, Director do Secretariado Nacional de Liturgia, e apresentação gráfica do caríssimo Delfim Machado. Bem longe estávamos de pensar que, passados três anos, seria necessário preparar a 2.^a Edição. Aqui a tem entre mãos, caríssima leitora ou leitor, muito aumentada em relação à primeira, pois se passou de 223 respostas para 377, ao mesmo tempo que o volume de 414 páginas subiu para mais de 650, num formato um pouco diferente do anterior.

As respostas vão-se sucedendo em determinada ordem. Primeiro as que dizem respeito à CELEBRAÇÃO DA MISSA, nos seus cinco momentos, formando outros tantos Capítulos: Preparação, Ritos Iniciais, Liturgia da Palavra, Liturgia Eucarística e Ritos de Conclusão.

A esta primeira secção, que é a mais extensa, com 124 respostas, seguem-se mais nove: *DIVERSAS FORMAS DE CELEBRAÇÃO DA MISSA* (28), *OUTRAS CELEBRAÇÕES LITÚRGICAS* (61), *ANO LITÚRGICO* (52), *DISPOSIÇÃO E ADORNO DAS IGREJAS* (23), *LITURGIA E LIVROS LITÚRGICOS* (22), *OFÍCIOS E MINISTÉRIOS* (35), *CANTO E MÚSICA NA LITURGIA* (4), *RELIGIOSIDADE POPULAR* (19), *IGREJA, SACERDÓCIO E FÉ CRISTÃ* (7), *AO SERVIÇO DA LITURGIA EM PORTUGAL* (2). Ao todo são 377 respostas, agrupadas em 46 Capítulos.

Os colaboradores são cinco, tendo sempre respondido em nome do Secretariado, o que, de algum modo, compromete a responsabilidade deste e da Comissão Episcopal da Liturgia e Espiritualidade.

Pela nossa parte, desejamos que os leitores deste livro nele encontrem tanto prazer, como o sentimos nós ao prepará-lo, convencidos de que estávamos a prestar um serviço de qualidade à causa da LITURGIA EM PORTUGAL.

«Bendito seja Deus, Pai de Nosso Senhor Jesus Cristo, que do alto do Céu nos abençoou, com todas as bênçãos espirituais em Cristo» (*Efésios* 1, 3).

CELEBRAÇÃO DA MISSA

1

PREPARAÇÃO

1. Crucifixo durante a celebração da Missa

Numa Igreja em que, em local alto e visível está ao meio um grande crucifixo..., será litúrgico colocar um pequeno crucifixo ao centro do altar, com a imagem de Cristo voltada para o celebrante, crucifixo que até perturba a visão do que se passa no altar?

A *Instrução Geral do Missal Romano*,³ documento que iremos citar muitas vezes ao longo deste livro, exprime-se assim: «*Sobre o altar ou junto dele coloca-se também uma cruz, com a imagem de Cristo crucificado, que a assembleia possa ver bem. Convém que, mesmo fora das acções litúrgicas, permaneça junto do altar uma tal cruz, para recordar aos fiéis a paixão salvadora do Senhor*» (IGMR 308; EDREL 1218).

A interpretação deste texto é fácil. Durante a celebração da Missa coloca-se sobre o altar ou junto dele um crucifixo, com a respectiva imagem voltada para a assembleia. Cruz e imagem de Cristo devem ter dimensões que permitam à assembleia vê-las bem. Fora da celebração é conveniente que tal cruz permaneça junto do altar. Nada se diz de outras cruzes que possam existir na igreja, o que não admira, pois a *Instrução*, no n. 308, fala apenas da celebração.

Conheço igrejas em que, como naquela que a consulente refere, um crucifixo, de grandes proporções, está em lugar alto, bem à vista da assembleia, e sempre bastou e continua a bastar, sem necessidade de mais nenhum, para a celebração da Missa. Conheço outras em que, além desse crucifixo grande, existe outro, de menores dimensões, colocado perto do altar, voltado para a assembleia. Vou vendo algumas celebrações em que o crucifixo é posto sobre o altar, bem ao centro, com a imagem de Cristo voltada para o presidente. E ontem mesmo, alguém me dizia que já há quem ponha, sobre o altar, duas cruzes coladas pelas costas, uma voltada para o presidente e outra para o povo.

Não faço comentários. Mas alerta a nossa consulente para tais situações, a fim de que, quando as vir, não fique admirada nem se assuste, mas também não as imite.

³ A *Instrução Geral do Missal Romano* será citada, doravante, umas vezes *Instrução Geral*, outras apenas *Instrução*. Utilizamos a 3ª edição (2009), do Secretariado Nacional de Liturgia.

**DIVERSAS FORMAS
DE CELEBRAÇÃO DA MISSA**

6

A MISSA ANTES DA REFORMA LITÚRGICA

125. Origem da palavra ‘missa’ e evolução da celebração eucarística

1. *Qual foi a origem da palavra ‘missa’?*
2. *Como evoluiu a celebração da Eucaristia nos primeiros séculos?*

Sei que é pedir muito, mas não sei onde obter informação.

1. A palavra ‘missa’ designa hoje a celebração da última Ceia que Jesus fez com os seus discípulos, por Ele próprio chamada a Páscoa ou a Ceia pascal. Esta Ceia aparece descrita em quatro lugares do Novo Testamento (*Mt 26, 26-27; Mc 14, 22-23; Lc 22, 15-20; 1 Cor 11, 22-25*). A sua celebração, por parte dos cristãos, tem tido muitos nomes: ‘fracção do pão’, ‘Ceia do Senhor’, ‘Eucaristia’, ‘Sacrifício’, ‘Missa’, ‘Celebração eucarística’, etc..

Etimologicamente a palavra ‘missa’ vem do verbo latino *mittere* (enviar, despedir), e deve ter designado inicialmente apenas dois momentos da celebração: a despedida dos catecúmenos, no fim da Liturgia da Palavra, e a despedida dos fiéis, no final da celebração: *ite, Missa est*. A partir do século IV, pouco a pouco, chamou-se ‘missa’, não apenas às despedidas mas às duas partes que as antecediam (*Missa dos catecúmenos* e *Missa dos fiéis*). E a partir do século VI chama-se ‘missa’ a toda a celebração.

Devo acrescentar que tudo isto que acabo de lhe dizer está muito simplificado.

Com efeito, há quem prefira outra etimologia para a palavra ‘missa’. Em vez de ser a despedida ou a própria celebração, a palavra ‘missa’ estaria antes relacionada com a oferenda, a oferta, o envio para Deus (*mittere*), a oblação do nosso sacrifício eucarístico. Assim, a frase final *ite, Missa est*, mais do que dizer, ‘ide, é a despedida’, quereria antes dizer: ‘ide, já se fez a oblação’, ‘já se enviou para Deus a nossa oferenda’.

O Catecismo da Igreja Católica prefere relacionar a palavra ‘missa’ com o envio dos que participaram na celebração: a celebração eucarística chama-se «*Santa Missa porque a liturgia em que se realiza o mistério da salvação termina pela despedida dos fiéis (missio), para que eles vão cumprir a vontade de Deus na sua vida quotidiana*» (CIC 1332). Mas este significado não parece estar muito provado pelos documentos históricos.

Actualmente continua a chamar-se Missa a toda a celebração, sobretudo nas rubricas e nos títulos: Missa estacional, Missa da comunidade, Missa ritual, Missa votiva, Missa exequial, Missa de defuntos, Missas com

crianças, Missa crismal, Ordinário da Missa, próprio da Missa, Missa do dia, Missa conventual, Missa com o povo, Missa dominical, Missa ferial, Missa concelebrada, Missa vespertina, Missa celebrada de frente para o povo, etc.

Em vez da palavra Missa muitos preferem a palavra Eucaristia.

2. Como diz e bem, o que pede é muito. Essas informações só é possível adquiri-las num curso específico sobre a história da celebração eucarística.

Quero, apesar de tudo, indicar-lhe as grandes articulações dessa história, seguindo um livro muito especial sobre o assunto, que tem por título *A Missa ontem e hoje*. O seu autor, grande mestre e pedagogo da liturgia, explica o título assim: «*Ontem, vinte séculos de história; Hoje, a Eucaristia dominical*». São as duas partes do livro.

A primeira parte, ou seja, a dos vinte séculos de história, divide-a em 13 capítulos, a cada um dos quais dá um título que é uma verdadeira síntese de muitos saberes, e que só outros mestres podem explicar e desenvolver: 1. Da Ceia do Senhor à Eucaristia da Igreja; 2. A herança de Israel; 3. A Eucaristia das Igrejas judaico-cristãs; 4. A Eucaristia das Igrejas do mundo greco-romano; 5. A Eucaristia no tempo dos mártires; 6. O manto branco de Igrejas a seguir à paz; 7. A Eucaristia no tempo dos Padres. A Missa; 8. A Eucaristia no tempo das invasões dos bárbaros; 9. A Eucaristia na época carolíngia; 10. A Eucaristia na Idade Média; 11. A Eucaristia no tempo da Reforma católica; 12. A Eucaristia durante a renovação litúrgica; 13. A Eucaristia depois do Concílio Vaticano II.

Como facilmente perceberá por este simples enunciado de títulos, não é possível minimamente responder à sua pergunta.

Aconselho-o a ler o que diz o Catecismo da Igreja Católica do n. 1322 ao n. 1416, mas muito especialmente os nn. 1337-1355.

126. Missa Tridentina

O que é Missa Tridentina? Tem alguma coisa a ver com tridente?

Essa tem graça, cara consulente, e fez-me rir com a aproximação entre *Tridentina* e *tridente* que, segundo o dicionário, é um garfo com três dentes, ou também um ceptro que termina por três pontas e que os poetas atribuem a Neptuno, deus do mar na mitologia romana, ou ainda forquilha com três pontas e, em sentido figurado, o império dos mares. Veja por onde me fez divagar com essa do *tridente*.

OUTRAS CELEBRAÇÕES LITÚRGICAS

11 LITURGIA DAS HORAS

153. Breviário e Liturgia das Horas

A reforma litúrgica alterou muito o antigo Breviário. Mesmo em latim, gostaria de fotocopiar o livro com o modo de rezar antigo. Alguém me pode ajudar?

De facto, caro consulente, a reforma litúrgica iniciada pelo Concílio Vaticano II com a publicação da Constituição sobre a Liturgia *Sacrosanctum Concilium* e os trabalhos que se seguiram a esse documento, alteraram bastante o então chamado *Breviário*, que passou a chamar-se Liturgia das Horas.

O Breviário tinha a seguinte estrutura diária: Matinas, Prima, Laudes, Tércia, Sexta, Noa, Vésperas e Completas, ao passo que a estrutura também diária da Liturgia das Horas passou a ser: Ofício de Leitura, Laudes, Hora Intermédia, Vésperas e Completas. Sabendo nós que o actual Ofício de Leitura corresponde às antigas Matinas, e que Tércia, Sexta e Noa foram substituídas pela Hora Intermédia, fácil é concluir que não foram as Matinas que desapareceram, mas sim a Hora de Prima, que o próprio Concílio mandou suprimir (cf. SC 89 ; EDREL 89, d: “*Suprima-se a Hora de Prima*”).

Não foi só o número de momentos de oração diária que diminuiu de 8 para 5, mas também a extensão de cada um deles, sendo alterado, sempre para menos, o número de salmos. Diz a Constituição Litúrgica: «*Distribuem-se os salmos, não já por uma semana, mas por mais longo espaço de tempo*» (SC 91; EDREL 91).

Esta grande reforma tinha um objectivo: adaptar a Oração Oficial da Igreja, propô-la a todos os fiéis, pelo menos Laudes e Vésperas diárias, e tornar possível àqueles que rezam todo o ciclo da Liturgia das Horas, fazerem-no nas horas do dia o mais aproximadas possível do tempo real, excepto o Ofício de Leitura, que ficou sem hora própria, podendo ser rezado no momento do dia ou da noite mais disponível.

Diz no seu correio: *Mesmo em latim, gostaria de fotocopiar o livro com o modo de rezar antigo. Alguém me pode ajudar? A quem me deveria dirigir?* Não penso que seja muito viável copiar centenas e centenas de páginas em latim do antigo *Breviarium Romanum*. Mas pode fazê-lo, se quiser; basta pedir emprestado um Breviário em latim, a um sacerdote que conheça. Antes, porém, tem de pensar como vai reunir essas centenas de páginas fotocopiadas.

ANO LITÚRGICO

16 O DOMINGO

214. O dia do Senhor

Qual o dia de adorar a Deus?

A resposta a dar a esta pergunta, tal como está formulada pelo nosso consulente, depende de quem ele é enquanto homem crente. Se for muçulmano, terei de lhe dizer que esse dia é a sexta-feira; se for judeu, a resposta terá de lhe indicar o sábado.

Vou partir da convicção de que se trata de um cristão, e responder-lhe que o dia de adorar a Deus é o domingo, o nosso principal dia de festa. Quem o afirma de maneira inequívoca, explicitando as razões da supremacia do domingo sobre os outros dias da semana, é a Constituição *Sacrosanctum Concilium*, num dos seus números que vou transcrever integralmente: «*Por tradição apostólica, que nasceu do próprio dia da Ressurreição de Cristo, a Igreja celebra o Mistério pascal todos os oito dias, no dia que bem se denomina dia do Senhor ou domingo. Neste dia devem os fiéis reunir-se para participarem na Eucaristia e ouvirem a palavra de Deus, e assim recordarem a Paixão, Ressurreição e glória do Senhor Jesus e darem graças a Deus que os «regenerou para uma esperança viva pela Ressurreição de Jesus Cristo de entre os mortos» (1 Ped 1, 3). O domingo é, pois, o principal dia de festa a propor e inculcar no espírito dos fiéis; seja também o dia da alegria e do repouso. Não deve ser sacrificado a outras celebrações que não sejam de máxima importância, porque o domingo é o fundamento e o centro de todo o ano litúrgico» (SC 106; EDREL 106).*

A adoração a Deus, segundo este texto, começa por uma reunião. Nessa reunião escuta-se a palavra de Deus (*comunhão pelo ouvido*), participa-se na Eucaristia (*comunhão pela boca*), recorda-se o Mistério pascal de Cristo, filho único de Deus (*fonte única da nossa salvação*) e dão-se graças a Deus (*Pai, Filho e Espírito Santo*).

17 TEMPO DA QUARESMA

215. Preceitos quaresmais

Tenho encontrado várias vezes, nas certidões de casamento, entre 1700 e 1800, a indicação de que os noivos cumpriram os preceitos quares-

**DISPOSIÇÃO E ADORNO
DAS IGREJAS**

23

DEDICAÇÃO E ADORNO DAS IGREJAS

266. Diferença entre igreja e capela, mosteiro e convento

Qual a diferença entre “Capela e Igreja”, isto é, como se consegue identificar, sem margem para dúvidas, se um templo é uma Capela ou uma Igreja? Por outro lado, temos igualmente dúvidas na classificação e na distinção entre “Convento” e “Mosteiro”.

O que vou dizer-lhe refere-se apenas ao conceito de igreja, capela, convento e mosteiro enquanto edifícios, e não noutros quaisquer. Como saberá, não é esse o conceito mais importante, por exemplo, do termo “Igreja”. De facto, quando Jesus Cristo fundou a sua “Igreja”, não edificou nenhum edifício com paredes e tecto, mas sim uma realidade humana e divina, mais forte na sua fraqueza do que qualquer outra idealizada pelos homens.

Se eu lhe perguntasse, caríssima consulente, o que há de comum entre uma capela, uma igreja, um convento ou um mosteiro, talvez me respondesse, sem grande dificuldade, que é o facto de todos serem edifícios. Aí temos, portanto, o denominador comum entre essas quatro palavras. Uma capela, uma igreja, um convento ou um mosteiro são edifícios, isto é, edificações destinadas a acolher os fiéis para actividades de culto, no caso das capelas e igrejas, para a vida conventual, no caso dos conventos, e para a vida monástica, no caso dos mosteiros.

Em qualquer dicionário podemos encontrar as seguintes definições: *capela* é uma igreja pequena; *igreja* é um edifício destinado ao culto cristão; *convento* é a casa onde os religiosos fazem vida em comunidade; *mosteiro* é a casa onde vivem, em comunidade, monges ou monjas.

Deste conjunto de informações e definições concluímos que capelas e igrejas são edifícios destinados ao culto; conventos e mosteiros são edifícios destinados à habitação de comunidades religiosas.

É muito pouco para o que pretende saber, pelo que não é este o caminho para responder com precisão às suas perguntas. Temos então de ir navegar noutras águas, ou seja, nas definições do Código de Direito Canónico. Aí lemos o seguinte: *Pelo nome de igreja entende-se o edifício sagrado destinado ao culto divino, ao qual os fiéis têm o direito de acesso para exercerem, sobretudo publicamente, o culto divino* (cânone 1214). *Pelo nome de oratório entende-se o lugar destinado ao culto divino de alguma comunidade ou grupo de fiéis que nele se reúnem, e a que também outros fiéis podem ter acesso com o consentimento do Superior competente* (cânone

1223). *Pelo nome de capela particular entende-se o local destinado ao culto divino, em favor de uma ou mais pessoas físicas* (cânone 1226).

A primeira conclusão que tiro destas definições é que o Código de Direito Canónico não utiliza o critério volumétrico ou dimensional (comprimento, largura, altura) para distinguir uma igreja de uma capela, mas sim o critério da liberdade de acesso a esses lugares por parte dos fiéis: um edifício é considerado igreja quando os fiéis, em geral, têm o direito de acesso para aí exercerem, *sobretudo publicamente*, o culto divino; um edifício é considerado oratório, quando é destinado ao culto divino realizado por alguma *comunidade particular ou grupo de fiéis*; um edifício é considerado capela particular quando se destina ao culto divino realizado por uma ou mais pessoas físicas (*pessoas físicas são os homens e as mulheres baptizados, com os deveres e direitos próprios dos cristãos*).

Como vê, esta forma de se exprimir é muito diferente da linguagem comum, para a qual uma capela é uma igreja pequena e uma igreja um edifício grande destinado ao culto sagrado. Conclusão: se pensava ser possível identificar, sem margem para dúvidas, pelo simples olhar, se um templo é capela ou igreja, desiluda-se, pois tal não é possível. Apresento-lhe como exemplo o que se passou com a actual basílica da Santíssima Trindade, em Fátima, que foi pensada para ser um grande espaço coberto, foi construída para ser uma grande igreja, e como tal foi solenemente dedicada pelo enviado especial do Santo Padre, e pouco tempo depois foi declarada “basílica”. Também pode acontecer que uma antiga capela passe a ser “igreja” ou que uma igreja passe a ser “Sé Catedral”. Há que saber muito mais coisas do que apenas conhecer as dimensões exteriores para dizer se determinado edifício religioso é igreja ou capela.

Resumo, deste modo, o que procurei dizer-lhe: em linguagem técnica um edifício chama-se *igreja*, quando, independentemente da entidade proprietária, os fiéis a ele têm direito de acesso, sobretudo para as celebrações, podendo aí realizar-se todos os actos de culto, desde que respeitadas as normas litúrgicas e os direitos paroquiais; *oratório* quando destinado a uma comunidade ou grupo de fiéis, mas ao qual também outros fiéis podem ter acesso com o consentimento do responsável, podendo realizar-se nele as celebrações que não estejam vedadas pelo direito, por prescrições litúrgicas ou por determinações do bispo diocesano; chama-se *capela particular* o edifício destinado a uma ou mais pessoas físicas (*regra geral uma família*), podendo celebrar-se aí apenas a Missa e outros actos litúrgicos autorizados pelo bispo da diocese.

Passemos agora à sua segunda pergunta. A palavra *mosteiro* designou inicialmente o lugar de abrigo de um eremita (*eremita era o monge que*

**MISTÉRIO DA LITURGIA
E LIVROS LITÚRGICOS**

28 O MISTÉRIO DA LITURGIA

289. O que celebramos na Liturgia

Que celebramos nós na Liturgia?

Na Liturgia celebramos sempre e só o Mistério pascal de Jesus Cristo, desde a sua Encarnação até ao envio do Espírito Santo prometido aos Apóstolos. Esse Mistério tem no seu centro a Paixão, Ressurreição dos mortos e gloriosa Ascensão do nosso Redentor.

Foi do lado de Cristo adormecido na cruz que nasceu a Igreja, e foi a esta Igreja, na pessoa dos Apóstolos, que Jesus confiou o encargo de continuar a obra por Ele próprio iniciada.

Assim o vai procurando fazer esta Igreja, tantas vezes pobre e fraca, mas simultaneamente rica e forte, o melhor que pode e sabe, evangelizando os pobres, ensinando-lhes o modo de viver que agrada a Deus, e fazendo-os progredir no mistério insondável do sacrifício pascal do Senhor. Di-lo a Constituição *Sacrosanctum Concilium*: «Assim como Cristo foi enviado pelo Pai, assim também Ele enviou os Apóstolos, cheios do Espírito Santo, não só para que, pregando o Evangelho a toda a criatura, anunciassem que o Filho de Deus, pela sua morte e ressurreição, nos libertara do poder de Satanás e da morte, e nos introduzira no Reino do Pai, mas também para que realizassem a obra de salvação que anunciavam, mediante o sacrifício e os sacramentos, à volta dos quais gira toda a vida litúrgica» (SC 6; EDREL 6), ou seja, toda a Liturgia.

O que vem então a ser a Liturgia? A definição é dada pela própria Constituição: «A Liturgia é o exercício da função sacerdotal de Cristo» (SC 7; EDREL 7), levado a cabo pela Igreja. Trata-se de uma frase densa, cujo sentido profundo é este: tudo aquilo que Jesus Cristo realizou na terra enquanto sacerdote, continua a Igreja a torná-lo presente em cada época da história na celebração da Liturgia, ou, como o acreditava e expunha, no século V, o papa S. Leão Magno, num dos seus sermões: «Tudo o que na vida do nosso Redentor era visível, passou para os ritos sacramentais» (S. Leão Magno, *Sermões para a Ascensão*, n. 3; AL 4340), isto é, passou agora para a Liturgia organizada e celebrada pela Igreja.

Para realizar obra tão grande, Cristo está sempre presente na sua Igreja, especialmente nas acções litúrgicas. É por ser obra de Cristo sacerdote e da Igreja, seu Corpo, que qualquer acção litúrgica é acção sagrada de valor único, cuja eficácia não é igualada por nenhuma outra acção da Igreja.

E o que é celebrar a Liturgia? Será repetir gestos feitos ou palavras pronunciadas por Jesus, apenas para recordar cenas da sua vida?

Certamente não. Celebrar a Liturgia nem é repetir apenas para recordar, nem também é repetir para fazer de novo. Jesus morreu e ressuscitou uma única vez. Esse acontecimento histórico é único e irrepetível. Celebrar a Liturgia ou as acções litúrgicas é tornar presente, por intervenção de Jesus e do Espírito Santo, a realidade profunda e invisível do seu Mistério pascal, para entrarmos cada vez mais em comunhão de vida com esse Mistério.

O ponto de partida de qualquer celebração litúrgica cristã é sempre uma palavra de Jesus transmitida pelos Evangelhos ou por outros livros do Novo Testamento: «Ide e fazei discípulos de todos os povos, baptizando-os em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo (*celebração do Baptismo*); Fazei isto em memória de Mim (*celebração da Eucaristia*); aqueles a quem perdoardes os pecados, ser-lhes-ão perdoados (*celebração da Penitência*)», etc.

Então, uma vez mais, o que celebramos nós na Liturgia? Celebramos realidades da vida e do mistério de Jesus, por sua vontade expressa, para sermos tocados por elas, delas vivermos e por elas nos deixarmos transformar. A celebração dos mistérios da Liturgia tem um objectivo em relação a nós: fazer-nos viver por Cristo, com Cristo e em Cristo, e por Ele darmos glória a Deus Pai, na força do Espírito Santo que habita em nós.

290. O que é celebrar a Missa, quem celebra, que fazer para participar melhor?

Gostava de perceber melhor o que é celebrar a Missa, quem é que a celebra e o que fazer para participar na sua celebração de maneira sempre mais perfeita?

Boas perguntas, caríssima consulente. Vou ver se sou capaz de lhe responder de modo a entender-me. Diga-me, depois, se o consegui. As reacções daqueles a quem respondo estimulam-me a procurar novas formas de expressão mais próximas do falar de toda a gente.

1. *Gostava de perceber melhor o que é celebrar a Missa.* A este seu primeiro pedido respondo assim. O acto de celebrar não começou na Liturgia, mas na vida. Celebrar é, para o ser humano, uma necessidade tão antiga como ele, uma exigência que o acompanhou desde sempre.

Celebrar, na linguagem e na prática diária das pessoas, é recordar, é reviver, é realizar acções que se referem a outras acções anteriores. Por exemplo, quando alguém celebra o aniversário de qualquer aconte-

OFÍCIOS E MINISTÉRIOS

33 MINISTÉRIOS ORDENADOS

PRESBÍTEROS

311. Origem e significado do sacerdote na Missa

Qual é a origem, o significado e a fundamentação da presença e função do sacerdote na Missa?

Devo confessar-lhe, caríssima consulente, que a dificuldade não reside tanto em responder ao que perguntou, mas sim em fazê-lo de maneira resumida, sem esquecer, contudo, elemento algum considerado essencial. Vou fazê-lo à luz da Sagrada Escritura e do *Catecismo da Igreja Católica*, que citarei apenas como *Catecismo*.

O sacerdote é um mediador

Sacerdote é aquele que pode dar o sagrado ou realizá-lo em favor dos outros. Em todas as religiões há pessoas constituídas como mediadoras entre a divindade e o povo crente, pessoas que trazem ao povo, da parte da divindade, a palavra revelada, e que levam à divindade, da parte do povo, a oração ou o sacrifício. Segundo a Bíblia, «*o sacerdote tomado de entre os homens é constituído em favor dos homens, nas coisas respeitantes a Deus, para oferecer dons e sacrifícios pelos pecados*» (Hebr 5, 1).

O sacerdócio no povo de Israel

Instruído pela palavra de Deus, o povo de Israel bem cedo descobriu que Iavé o escolhera para exercer uma função sacerdotal relativamente às outras nações, que consistia em dar testemunho do verdadeiro Deus aos povos pagãos no meio dos quais vivia, pela palavra que lhes anunciava através dos profetas e pela oferta de sacrifícios, razão pela qual precisava de ser santo, como Deus é santo: «*Vós sereis para mim um reino de sacerdotes e uma nação santa*» (Ex 19, 6).

Entretanto, dentro da própria comunidade de Israel, foi-se estabelecendo e organizando o sacerdócio de determinadas pessoas, sobretudo da tribo de Levi, os levitas, e os descendentes de Aarão, em particular no Templo de Jerusalém. Os sacerdotes e levitas tinham a missão de explicar a palavra divina e de oferecer a Deus, da parte do povo, o louvor e os sacrifícios (cf. *Catecismo* 1539).

**CANTO E MÚSICA
NA LITURGIA**

35 CANTOS EM PORTUGUÊS E EM LATIM

345. Canto litúrgico e não litúrgico.

Estamos com a ideia de fazer uma celebração com cânticos novos. Porém, existe a questão do que é canto litúrgico e não litúrgico. Poderiam ajudar-nos?

A Igreja é um povo – o Povo de Deus – hierarquicamente organizado. Os pastores da Igreja têm precisamente a missão de guiar este povo, na sua marcha pela história, a caminho da Pátria definitiva.

Neste Ano da Fé, recordamos o 50º aniversário da abertura do Concílio Vaticano II e o 25º da publicação da Catecismo da Igreja Católica. É só de louvar a sua preocupação em agir correctamente também no aspecto musical em ordem à dignidade das celebrações. Tem toda a razão. Já S. Paulo, escrevendo aos Gálatas lhes fez esta recomendação: «Não vos enganeis: de Deus não se zomba» (*Gal* 6, 7). Ora, a música sacra tem como finalidade “a glória de Deus e a santificação dos fiéis” (cf. *MS* 4). É, por isso, um assunto que deve ser tratado com seriedade.

Tudo deve começar por uma cuidada educação litúrgica. A tal se referem os nn.14 e 19 da Constituição “*Sacrosanctum Concilium*” (sc) do Vaticano II e todo o capítulo VI da mesma Constituição; o mesmo se depreende dos nn. 18, 19 e 24 da Inst. *Musicam sacram*.

Entre os documentos de aplicação da reforma litúrgica, determinada pelo Conc. Vaticano II, destacam-se particularmente os seguintes: a Instrução *Musicam Sacram* (*MS*, de 1967), a Instrução Geral do Missal Romano (1ª ed.1969, a 3ª é de 2003) e a Instrução Geral sobre a Liturgia das Horas (1971).

Em Portugal, no ano 2006, o Secretariado Nacional de Liturgia editou o livro “*A música sacra nos documentos da Igreja*” que reúne os ensinamentos do Magistério produzidos ao longo do século xx e onde poderá encontrar resposta para o seu questionamento e muitos outros.

Mas vamos directamente à sua questão: o que é canto litúrgico e o que não é canto litúrgico?

O culto divino (sacro) pode ser: devocional e litúrgico; do mesmo modo também a música pode ser: sacra e litúrgica. Assim diz o nº 4ª da Inst. *MS*: «*Entende-se por música sacra aquela que, criada para o culto divino, possui as qualidades de santidade e bondade de forma.*» Quer dizer, é música para orar e deve levar os fiéis à oração. Música para rezar, não

RELIGIOSIDADE POPULAR

37 RELIGIÃO E FÉ

349. Religião cristã ou fé cristã?

Qual foi a primeira religião cristã: a ortodoxa, hoje presente na Grécia e na Rússia, ou a católica romana, hoje presente em Roma, na Europa ocidental e em todo o mundo.

A palavra *religião* não aparece uma única vez na boca de Jesus nem nos Evangelhos, e nos outros livros do Novo Testamento só a encontramos quatro vezes: duas nos *Actos dos Apóstolos* (25, 19 e 26, 5), sempre referida a S. Paulo, e outras duas na *Carta de S. Tiago* (1, 26 e 1, 27). Por isso, só do ponto de vista sociológico, enquanto objecto de estudo comparado com outras religiões, tem sentido falar de *religião cristã ortodoxa* e de *religião católica romana*.

A realidade à qual a história das religiões chama *religião cristã*, chamou-lhe Jesus «a minha Igreja» (*Mt* 16, 18). O que vale a pena estudar e conhecer é a história desta Igreja de Jesus, desde que foi fundada por Ele até hoje.

É curioso notar que os primeiros escritores cristãos em vez de falarem de religião cristã, falavam antes de religião dos cristãos, como se pode ver na Carta a Diogneto, que é uma apologia do cristianismo, escrita entre os anos 190-200: «*Uma vez que te vejo, ilustríssimo Diogneto, tão interessado em conhecer a religião dos cristãos e em informar-te sábia e cuidadosamente acerca do Deus em que acreditam..., aprovo o teu vivo desejo, e rogo a Deus, que nos conceda o dizer e o ouvir, que me seja dado falar de tal modo que tu, ouvindo, te tornes melhor, e de tal modo ouças que não contristes quem te fala*» (Carta a Diogneto, n. 1; AL 457).

1. *A Igreja primitiva.* Quando a Igreja se constituiu progressivamente, sob o impulso da doutrina de Cristo e da certeza da sua presença, ela era una, se bem que múltipla, e homogénea apesar das particularidades locais. Cedo alastrou para leste e para oeste da bacia do Mediterrâneo, sem deixar, no decorrer dos três primeiros séculos, de ser uma única e mesma Igreja, embora constituída por um conjunto de comunidades locais unidas pela mesma fé.

Sabe-se que a primeira comunidade cristã foi fundada em Jerusalém, sob o impulso dos discípulos do próprio Cristo. Tudo nessa comunidade era passagem do antigo ao novo, era vida nova. O *Batismo* marcava a entrada

**IGREJA, SACERDÓCIO
E FÉ CRISTÃ**

43

IGREJA AO SERVIÇO DE CRISTO

368. Olhar de Bento XVI sobre a Igreja

Nos primeiros séculos, a Igreja atraiu para Cristo em primeiro lugar as classes sociais mais desfavorecidas e humilhadas, como a dos escravos e dos servos. Hoje parece ter perdido essa capacidade atractiva até sobre esses. Será possível mudar alguma coisa?

Quando vi a sua pergunta, caríssimo consulente, estive para não lhe responder, por não se tratar de um tema litúrgico, mas da vida e do mistério da Igreja. Depois lembrei-me que a resposta já existia. Deu-a o papa Bento XVI e depois apareceu escrita em muitas revistas. Vou transcrevê-la, tal como a li.

«Eu diria que uma Igreja que procurasse sobretudo ser atractiva estaria já num caminho errado. Porque a Igreja não trabalha para si, não trabalha para aumentar o próprio número, nem o próprio poder. A Igreja está ao serviço de um Outro, não se serve a si própria para se tornar um corpo forte, mas serve para tornar acessível o anúncio de Jesus Cristo, as grandes verdades, as grandes forças de amor de reconciliação que estão ligadas a esta figura e que vêm sempre da presença de Jesus Cristo. Neste sentido a Igreja não procura atrair para si própria, mas deve ser transparente para Jesus Cristo. E na medida em que ela não trabalha para si própria, como corpo forte e poderoso no mundo, mas se faz simplesmente voz de um Outro, torna-se realmente transparência pela grande figura de Cristo e as grandes verdades que a força do amor trouxe à humanidade. A Igreja não deve olhar para si própria, mas ajudar a que se olhe para o Outro, e ela própria deve ver e falar de um Outro».

Não sei acrescentar mais nada ao que aí lhe deixo como resposta do papa Bento XVI a alguém que, como o caríssimo amigo, vive preocupado com este assunto.

Mas deixe-me dizer-lhe apenas só mais isto. Se não andássemos tão dependentes de estatísticas que se mandam fazer por tudo e por nada, mas vivêssemos e trabalhássemos mais em silêncio na presença do Pai, em união com o Filho, e empurrados pelo sopro do Espírito, como Paulo, fazendo cada um o que tem a fazer com fidelidade e alegria, talvez a nossa esperança não andasse tão desanimada.

Vamos procurar fazer isso? O mundo já está salvo há muito tempo. Para que havemos de andar preocupados com o dia de amanhã ou com a

**AO SERVIÇO DA LITURGIA
EM PORTUGAL**

46 RESPONSÁVEIS E ÓRGÃO EXECUTIVO

376. Conferência Episcopal Portuguesa

A Conferência Episcopal Portuguesa é a mesma coisa que a Comissão Episcopal? Quando nasceu? Quais foram os Presidentes da Comissão Episcopal até hoje?

1. A Conferência Episcopal Portuguesa (CEP) e as Comissões Episcopais (CE) não são a mesma coisa.

A Conferência Episcopal Portuguesa actua regularmente como tal desde a década 1930-1940, mas só em dezasseis de maio de 1967 teve os seus Estatutos aprovados e ratificados pelo papa Paulo VI, a 16 de julho de 1967 (CEP, *Documentos Pastorais*, I [1967-1977], pp. 5, 243 e 250). Quer isto dizer que viveu e funcionou durante mais de trinta anos sem Estatutos aprovados e ratificados por Roma. Apesar disso não deixou de fazer bom trabalho.

A Conferência Episcopal Portuguesa é formada pelos bispos residenciais, coadjutores e auxiliares das dioceses das três províncias eclesíásticas de Portugal: Braga, Lisboa e Évora; pelos bispos titulares que em Portugal exerçam funções por designação da Santa Sé; e pelos bispos eméritos que forem eleitos para cargos da Conferência.

Os órgãos da Conferência Episcopal são a Assembleia Plenária, o Conselho Permanente, as Comissões Episcopais, o Secretariado Geral e os Secretariados Nacionais.

2. A Comissão Episcopal da Liturgia e Espiritualidade (CELE) é uma das Comissões Episcopais da Conferência. A primeira referência à sua existência, disponível e à mão, encontro-a no arquivo de correspondência do Secretariado Nacional de Liturgia, com data de 6 de fevereiro de 1962: «*No dia 6 de fevereiro de 1962, reuniu em Lamego, no Paço Episcopal, a Comissão de Liturgia do Episcopado Português, composta dos Bispos de Lamego, Vila Real e Administrador Apostólico do Porto, para dar o seu parecer acerca das emendas ao Ritual Bilingue...*». Se reuniu nessa data, é porque já existia. Desde quando?

Tal como a Conferência Episcopal Portuguesa, a Comissão de Liturgia só deve ter sido criada oficialmente pela própria Conferência em 16 de maio de 1967 (CEP, *Documentos Pastorais*, I [1967-1977], p. 244).

ÍNDICE GERAL

Apresentação.....	5
Siglas utilizadas no livro	6
Introdução	7

CELEBRAÇÃO DA MISSA

1 Preparação

1. Crucifixo durante a celebração da Missa.....	10
2. Uma só cruz ou várias cruzes	11
3. Ornamentação da igreja, do altar e da cruz.....	13
4. Quando se anunciam as intenções da Missa	15
5. Os textos do Missal Romano	17
6. Gestos e atitudes corporais durante a celebração da Missa.....	18

2 Ritos Iniciais

7. Evangeliário e cruz na procissão de entrada.....	19
8. Reverência ao altar.....	20
9. Inclinação profunda ao altar ou genuflexão ao Santíssimo	20
10. Lugar da cadeira presidencial	21
11. Acto penitencial.....	22
12. Cantar a absolvição do acto penitencial	23
13. História de uma composição musical	25
14. Os cânticos do Ordinário da Missa: Glória, Salmo e Santo.....	26
15. Textos do Glória a Deus nas alturas e do Santo	30
16. Glória, segunda Leitura e Credo	32
17. Posições corporais dos fiéis durante a Missa.....	32
18. Lugar do presidente e dos ministros na celebração da Eucaristia ..	33
19. Lugar do coro na celebração da Missa	35
20. O coro, o seu lugar, as posições durante o canto	36
21. Lugar do coro ou grupo coral na celebração da Missa	38
22. Momento mais apropriado para que o grupo coral comungue	40
23. Lugar destinado aos fiéis na Missa.....	42
24. Incenso litúrgico.....	43
25. Formas de incensar	44
26. Normas litúrgicas e modo de incensar	45
27. Uso do incenso na Missa e fora da Missa	47
28. Inclinações antes e depois da incensação.....	51

3 Liturgia da Palavra

29. Papel do comentador na assembleia.....	51
--------------------------------------------	----

30.	Lugar do comentador	52
31.	Lugar do ambão na igreja	54
32.	O lugar litúrgico do ambão	55
33.	Colocação do ambão	57
34.	Livros no ambão	60
35.	Ambão e microfone	61
36.	Olhar a assembleia durante a leitura	62
37.	Inclinações a fazer pelo leitor	62
38.	Genuflexões e inclinações dos leitores na Eucaristia	63
39.	O salmo responsorial.....	65
40.	Escolha dos salmos para as primeiras leituras da Missa	66
41.	Salmo responsorial ou Gradual gregoriano	68
42.	Lugar donde se canta o salmo responsorial	70
43.	Aclamações às leituras na Missa	71
44.	O Aleluia antes do Evangelho	73
45.	O Aleluia e o versículo antes do Evangelho	74
46.	O Aleluia e o seu versículo antes do Evangelho	75
47.	A aclamação antes da leitura do Evangelho	76
48.	Aclamações antes da leitura do Evangelho na Quaresma.....	78
49.	O sinal da cruz na proclamação do Evangelho.....	78
50.	Proclamação do Evangelho pelo diácono	81
51.	Bispo, presbítero e diácono na proclamação do Evangelho.....	83
52.	A homilia.....	85
53.	Ajoelhar ou genuflectir na proclamação do Credo	85

4 Liturgia Eucarística

PREPARAÇÃO DO ALTAR

54.	As coisas do altar	87
55.	O que deve ou pode colocar-se no altar	90
56.	Cruz sobre o altar e posição da imagem de Cristo	91
57.	Cruz sobre o altar ou junto dele	93
58.	Gostos litúrgicos.....	96
59.	As mulheres e as jovens podem servir ao altar	96
60.	Inclinações ao altar durante a celebração.....	97
61.	Inclinação ao sacrário ou ao altar	97
62.	Inclinações litúrgicas	98
63.	A pequena cruz do corporal	100
64.	Modo de organizar a procissão dos dons	102
65.	Procissão das oferendas precedida de candelabros.....	106
66.	Onde se colocam as ofertas.....	109

67.	Colocar e estender o corporal no altar	110
68.	Onde se deve colocar o sanguinho	111
69.	Sanguíneo, manustérgio e corporal.....	112
70.	O acólito, o cálice, a patena e o altar	114
71.	Preparação do cálice	115
72.	Incensação das oblatas	116
73.	Insensação do Bispo após a apresentação dos dons.....	117
74.	Modo de incensar.....	117
75.	Ductos e ictos na incensação	118
76.	Incensação e inclinações.....	118
77.	O acto de incensar.....	119
78.	Os acólitos purificam as mãos?	120
79.	“Orai, irmãos...”, quando celebram apenas sacerdotes.....	121

ORAÇÃO EUCARÍSTICA

80.	Escolha da Oração Eucarística.....	123
81.	Oração Eucarística II	124
82.	Atitudes corporais durante a Oração Eucarística.....	129
83.	Ajoelhar à consagração	130
84.	O momento da consagração	130
85.	As palavras da consagração do cálice.....	132
86.	Oração eucarística, aclamação depois da consagração e anamnese	133
87.	“Anunciamos, Senhor, a vossa morte...”, quando celebram apenas sacerdotes	138
88.	Ficar de joelhos desde o <i>Sanctus</i> até ao fim da Oração eucarística	139
89.	Toque da campainha na Missa	140
90.	Toque da campainha ou sineta na Missa.....	142
91.	Sequência na enumeração das intenções	143
92.	Doxologia final das Anáforas	144
93.	Levantar as mãos à doxologia final	148

COMUNHÃO

94.	Pai-Nosso.....	149
95.	O canto do Pai-Nosso na Eucaristia dominical.....	152
96.	Música do Pai-Nosso.....	153
97.	Como se reza o Pai-Nosso na Missa.....	154
98.	O embolismo do Pai-Nosso	156
99.	Modo de realizar o rito da paz.....	156
100.	O pão para a Eucaristia	159
101.	O vinho para a Eucaristia.....	160

102. Cor do véu da píxide.....	171
103. Jejum eucarístico	173
104. Momento de ir buscar a píxide ao sacrário.....	175
105. Comungar de pé ou de joelhos	176
106. Comunhão na mão.....	178
107. Como se recebe a Comunhão na mão.....	183
108. Comunhão sob as duas espécies	186
109. Receber a Comunhão na mão ou comungar por suas próprias mãos.....	191
110. Ministro do cálice na Comunhão sob as duas espécies.....	193
111. Impossibilidade de comungar por causa da alergia ao glúten.....	194
112. Dar a Comunhão com a mão esquerda.....	194
113. A maneira de se apresentar à Comunhão.....	195
114. Comunhão por intinção	196
115. Posição dos fiéis durante a distribuição da Comunhão.....	197
116. Atitude dos fiéis durante a Comunhão	198
117. Posição adequada para receber a Comunhão eucarística	199
118. Fiéis e concelebrantes durante a distribuição da Comunhão	202
119. Genuflexão ao Santíssimo, no altar, durante a Missa.....	204
120. Os momentos a seguir à Comunhão	208
121. Vasos litúrgicos nas grandes Missas campais	209
122. Celebrante que se sente mal durante a celebração	210
123. Interrupção momentânea da celebração da Missa.....	212

5 Ritos de conclusão

BÊNÇÃO

124. Sinal da cruz sobre si mesmo	213
-----------------------------------------	-----

DIVERSAS FORMAS DE CELEBRAÇÃO DA MISSA

6 A Missa Antes da Reforma Litúrgica

125. Origem da palavra ‘missa’ e evolução da celebração eucarística	218
126. Missa Tridentina.....	219
127. As sacras.....	221

7 Missa de Vigília e Missa vespertina

128. O que é e não é a Missa vespertina.....	222
----------------------------------------------	-----

129. Textos da Missa vespertina e importância do Domingo	223
130. Missa vespertina no sábado à tarde.....	225
131. Uma concessão para celebrar mais facilmente o dia do Senhor	226
132. Missas vespertinas próprias	228
133. Alguns dos dias em que pode haver Missa vespertina	228
134. Hora a partir da qual se pode celebrar Missa vespertina	230
135. Missa da vigília e Missa vespertina.....	232
136. Ouvir Missa inteira nos domingos e festas de guarda	233
137. A participação na Missa nos dias de preceito	236
138. Cumprimento do preceito dominical em Missa não vespertina	237

8 Missas com crianças

139. As crianças na celebração da Missa.....	238
140. Leituras feitas por crianças nas celebrações da Missa e da Palavra	239
141. Leituras feitas por crianças nas Missas do Crisma, da profissão de Fé e da primeira Comunhão	240
142. Encenação da palavra nas Missas com crianças.....	242
143. Aclamações nas Missas com crianças.....	243

9 Missa nova

144. Missa nova ou primeira Missa?	244
------------------------------------------	-----

10 Missas de defuntos

145. Missas de defuntos.....	248
146. Círio Pascal nas exéquias.....	249
147. Onde vem a dificuldade?.....	249
148. Missa do sétimo dia	253
149. Ornamentação do altar nas Missas de defuntos, na Quaresma	253
150. Toque dos sinos nos funerais.....	254
151. Exéquias de um bispo, de um presbítero ou de um religioso.....	256
152. Cremação ou incineração	258

OUTRAS CELEBRAÇÕES LITÚRGICAS

11 Liturgia das Horas

153. Breviário e Liturgia das Horas	266
154. Tradução litúrgica do Saltério em língua portuguesa.....	267
155. O Saltério Litúrgico e a sua utilização	270
156. Liturgia das Horas orientada por um leigo ou uma religiosa	273
157. Salmos e antífonas da Liturgia das Horas	274

158. Orações ou colectas salmódicas.....	275
159. Responsório Breve de Laudes e Vésperas.....	276
160. Vigília Prolongada do Ofício Divino.....	278
161. Liturgia das Horas durante a exposição do Santíssimo.....	279
162. Incensação nas Vésperas com adoração do Santíssimo.....	279
163. Vésperas logo a seguir à Missa.....	281
164. Completas do dia de Pentecostes.....	283
165. Liturgia das Horas da solenidade do Sagrado Coração de Jesus.....	283
166. Liturgia das Horas do dia 2 de novembro.....	284

12 Sacramentos

167. Preparação dos pais e padrinhos para o Baptismo das crianças.....	285
168. Adiamento do Baptismo das crianças.....	286
169. Baptismo de crianças.....	289
170. Taxas pela transferência de Baptismos.....	293
171. Livros Paroquiais e Baptismo.....	294
172. Elementos guardados nos livros Paroquiais.....	296
173. Celebrar, na igreja, o aniversário do dia do nascimento.....	298
174. Baptismos e casamentos em Domingo de Ramos.....	298
175. A Confirmação.....	300
176. Idade para receber a Confirmação.....	302
177. Sacramento da Penitência.....	303
178. Exames de consciência a partir da Palavra de Deus.....	305
179. Comungar sem se confessar.....	308
180. Festa da primeira Comunhão.....	309
181. Questões várias sobre o diácono.....	310
182. Diácono, imposição das cinzas, vestes escutistas, pálio.....	312
183. O diácono na Liturgia:	
Via-Sacra, narração da Paixão, homilia.....	314
184. Vestes litúrgicas do diácono.....	316
185. O diácono saúda o altar no princípio e no fim da Missa.....	320
186. Direcção do coro pelo diácono.....	321
187. Matrimónio de uma pessoa solteira com outra divorciada.....	322
188. Noiva e canto do salmo responsorial.....	323
189. Assentos para sacerdotes e acólitos na Missa de casamento.....	325
190. Recolha de ofertas num casamento sem Missa.....	326
191. Bênção dos esposos.....	327
192. Aniversário do matrimónio.....	329
193. Novo casamento de divorciados.....	330
194. Casamento, mães solteiras e participação litúrgica.....	332
195. Divórcio.....	334

13 Comunhão fora da Missa

196. Distribuição da Comunhão fora da Missa..... 337
 197. Levar a comunhão aos doentes conduzindo o próprio carro..... 341

14 Celebrações Dominicais na Ausência do Presbítero

198. Pode o diácono dizer a absolvição
 e a oração das oferendas nas celebrações da Palavra?..... 341
 199. Pode o diácono dizer o Glória,
 o Credo e a Oração dos fiéis nas celebrações da Palavra?..... 344
 200. Ministros leigos na proclamação do Evangelho..... 345
 201. Pode usar-se incenso nas celebrações da Palavra?..... 345
 202. Pode fazer-se a recolha das ofertas nas celebrações da Palavra? 346

15 Santíssimo Sacramento

203. Capela do Santíssimo Sacramento..... 348
 204. Adoração e genuflexão ao Santíssimo exposto ou no sacrário..... 350
 205. Genuflectir ao Santíssimo Sacramento
 numa comunidade de clausura 351
 206. Ministros da exposição do Santíssimo..... 353
 207. Exposição do Santíssimo feita por um ministro da Comunhão 353
 208. Exposição por um ministro extraordinário da Comunhão..... 353
 209. Exposição do Santíssimo na píxide ou na custódia..... 356
 210. Expor o Santíssimo para recitar o terço 356
 211. Santíssimo exposto e exéquias de corpo presente 357
 212. Saudação ao Santíssimo Sacramento exposto 358
 213. Ministro que leva a custódia nas procissões
 com o Santíssimo Sacramento..... 359

ANO LITÚRGICO**16 O Domingo**

214. O dia do Senhor..... 362

17 Tempo da quaresma

215. Preceitos quaresmais 362

18 Tríduo Pascal

216. Ambão adornado durante a leitura da Paixão do Senhor 364
 217. Só o madeiro da cruz ou a cruz com a imagem do Crucificado?.... 365

218. Adoração da Cruz na Sexta-Feira Santa	369
219. Altar e toalha em Sexta-Feira da Paixão do Senhor	370
220. Círio pascal.....	370
221. Círio pascal ou círios pascais na maior de todas as Vigílias?	371
222. Ladainhas dos Santos na Vigília pascal.....	373
223. Cobrir o altar com a toalha e adornar a igreja com flores na Vigília pascal.....	374
224. Vigília pascal presidida por um diácono.....	376
19 Tempo Pascal	
225. Leituras da Missa no Tempo pascal.....	378
226. Círio pascal no Tempo pascal.....	380
227. A utilização do círio pascal fora do Tempo pascal	380
20 Celebrações ao Longo do Ano Litúrgico	
228. Flores na liturgia do Advento e da Quaresma	382
229. Antifonas do «Ó» e versículos aleluiáticos antes do Evangelho	383
230. Relatos do nascimento de Jesus e celebrações do Tempo do Natal	386
231. Celebração do Santíssimo Nome de Jesus.....	389
232. Leituras comuns e leituras facultativas na festa do Baptismo do Senhor.....	390
233. Quarta-Feira de Cinzas	392
234. Preparar as cinzas.....	392
235. As Rogações.....	393
236. Vigília de Pentecostes: leituras para a celebração prolongada	397
237. Possibilidade de escolher leituras na Vigília de Pentecostes.....	398
238. Missas na solenidade de Pentecostes	399
239. Solenidade do Corpo de Deus	402
240. Solenidade de Todos os Santos.....	403
241. Dia de Todos os Santos	404
242. Solenidade de Todos os Santos e Comemoração de Todos os Fiéis Defuntos	405
243. Missas na Comemoração dos Fiéis Defuntos	407
244. Solenidade da Imaculada Conceição na tarde de sábado.....	408
245. Solenidade da Imaculada Conceição no II Domingo do Advento ..	409
21 Solenidades, Festas e Memórias	
246. Solenidades, festas e memórias.....	410
247. Solenidades, Festas e Memórias próprias de uma Ordem ou Congregação Religiosa.....	411
248. Organizar o calendário litúrgico de uma Ordem Religiosa	411

249. I Vésperas e Missa da Vigília duma Solenidade	412
250. Festas móveis.....	413
251. As festas não se transferem	414
252. Memórias obrigatórias e facultativas	414
253. Leituras a proclamar nas memórias dos santos	415
254. Ocorrências litúrgicas	417

22 Santos e Beatos

255. Solenidade de S. José	419
256. Data da Solenidade de S. José	420
257. Centenário da criação da uma paróquia.....	422
258. Padroeiro de um concelho ou de uma paróquia?	423
259. Padroeiro e Orago	424
260. Nomes de Beatos na Ladainha dos Santos	425
261. Oração colecta da Missa de S. Dionísio	426
262. S. Julião, padroeiro da Figueira da Foz.....	429
263. Quem foi S. Julião, patrono da Figueira da Foz?	429
264. Versos para a apresentação dos dons numa festa em honra de São Miguel	432
265. O culto litúrgico de São Cristóvão.....	435

DISPOSIÇÃO E ADORNO DAS IGREJAS

23 Dedicção e adorno das Igrejas

266. Diferença entre igreja e capela, mosteiro e convento	442
267. Dedicção da igreja e do altar.....	444
268. Construção duma capela num hospital municipal.....	445
269. A utilização do edifício da igreja	448
270. Concertos nas igrejas	449
271. Igreja paroquial com má acústica	449

24 Altar

272. Reverência ao altar	452
273. Inclinação feita para o lugar do antigo altar-mor	453
274. Dimensões e material de um altar menor	453
275. Altar privilegiado e pedra de ara.....	455
276. A toalha do altar	457
277. Tecidos da toalha de altar	461

25 Imagens

278. Regras para a colocação das imagens nas igrejas..... 463
 279. Cobrir as imagens das igrejas 465

26 Cátedra e Insignias do Bispo

280. Cátedra episcopal..... 466
 281. Báculo e mitra 466
 282. Uso do báculo e da mitra 468
 283. Mitras de cor 468
 284. Vestes do Bispo 469
 285. Forma correcta de tratamento de um Bispo 470

27 Vestes litúrgicas

286. Cores das vestes litúrgicas..... 471
 287. Vestes litúrgicas e símbolos..... 474
 288. Fecho da túnica..... 475

**MISTÉRIO DA LITURGIA
 E LIVROS LITÚRGICOS**

28 O Mistério da Liturgia

289. O que celebramos na Liturgia..... 478
 290. O que é celebrar a Missa, quem celebra,
 que fazer para participar melhor?..... 479

29 Apresentação gráfica dos livros litúrgicos

291. Novas edições de livros litúrgicos..... 482
 292. Maiúsculas e minúsculas pronominais
 relativas a Deus nos textos litúrgicos 484
 293. Significado da letra “R” nos textos litúrgicos..... 489
 294. Livros litúrgicos ou “tablets” 490
 295. Pequenas mudanças feitas nas reedições dos Leccionários
 e da Liturgia das Horas 490
 296. Traduções de dois Decretos..... 491
 297. A numeração do Livro de Ester 492

30 O Missal Romano

298. O Missal Romano actual..... 493

299. Futura edição típica do <i>Missale Romanum</i>	495
300. Ordo Missae	495
301. Fazer um Missal.....	496
31 O Leccionário	
302. Anos litúrgicos A, B, C.....	496
303. Leituras e orações das Missas não vespertinas celebradas no sábado à tarde.....	497
304. Omissão de versículos nos Leccionários	498
305. O que deve ou não deve ler-se nos Leccionários.....	498
306. Leituras a fazer em determinado dia.....	500
307. Leitura interrompida	503
308. Início das leituras evangélicas no Leccionário	504
309. Deve elevar-se o Leccionário após a proclamação das leituras?.....	505
32 O Martirológio	
310. Introdução ao uso do Martirológio	507

OFÍCIOS E MINISTÉRIOS

33 Ministérios ordenados

PRESBÍTEROS

311. Origem e significado do sacerdote na Missa	516
312. Quantas Missas pode um sacerdote celebrar cada dia?.....	520
313. Bodas sacerdotais.....	522

34 Ministérios Laicais

LEITORES

314. Rito da instituição dos leitores e dos acólitos.....	523
315. Perguntas em jeito de entrevista sobre o leitor	524
316. Questões sobre os leitores.....	526
317. Leitora, sim ou não?.....	528
318. Ser leitor ou exercer outros ministérios na Liturgia	530
319. Ser leitor na Liturgia.....	532
320. Leitor instituído e distribuição da Comunhão	533
321. Cursos Paroquiais de Leitores	535
322. Um padroeiro para os leitores litúrgicos	538

ACÓLITOS

323. Número de ministros numa celebração litúrgica.....	540
324. Acólito não instituído.....	543
325. Funções dos acólitos.....	544
326. Questões relacionadas com os acólitos.....	545
327. Casos em que o acólito pode estender o corporal sobre o altar	548
328. Genuflexões e inclinações dos acólitos	549
329. Inclinações do acólito que leva o turíbulo.....	549
330. Atitudes dos acólitos fora da Missa e durante a Missa	551
331. O exercício da função de acólito por um ministro ordenado.....	553
332. Símbolos sobre a túnica	554
333. Limite de idade para se ser acólito.....	554
334. Idade para ser acólito não instituído	557
335. Acolitar na Missa Tridentina	558
336. Pode um acólito, que entretanto se divorciou, continuar a ser acólito?	560
337. Um divorciado pode ser acólito?.....	561

MINISTROS EXTRAORDINÁRIOS DA COMUNHÃO

338. Ministros extraordinários da Comunhão.....	561
339. Vestes dos ministros extraordinários	562
340. Faça cada qual tudo e só o que lhe pertence.....	563
341. Ministros extraordinários e purificação do cálice	564
342. Posição corporal dos ministros extraordinários durante a consagração.....	565
343. Purificação das mãos	565

GRUPO CORAL OU CORO LITÚRGICO

344. Quem pode ser presidente da Direcção de um grupo coral ou de um coro litúrgico paroquial?.....	566
--------------------------------------------------------------------------------------------------------	-----

CANTO E MÚSICA NA LITURGIA**35 Cantos em Português e em Latim**

345. Canto litúrgico e não litúrgico.....	570
346. Cânticos alegres na Liturgia.....	572
347. Cânticos em latim	573

36 Música gravada nas celebrações

348. Uso de CDs nas celebrações.....	575
--------------------------------------	-----

RELIGIOSIDADE POPULAR**37 Religião e Fé**

349. Religião cristã ou fé cristã?.....	578
350. A doxologia: “Glória ao Pai e ao Filho e ao Espírito Santo”	580
351. Armar o presépio dentro da igreja.....	583
352. A devoção ao Menino Jesus de Praga.....	586

38 Rosário

353. A recitação do Rosário	588
354. Rezar o Rosário ou o Terço diante do Santíssimo Sacramento exposto.....	590

39 Via-Sacra

355. Via-Sacra em Sexta-Feira Santa.....	592
356. Como termina a Via-Sacra	594
357. Via-Sacra e acólitos	595

40 Procissões e velas

358. Procissões	599
359. O Santo Lenho	600
360. Procissões com o Santo Lenho	601
361. Imagens de Nossa Senhora nas procissões	602
362. Qual a localização correcta da Banda filarmónica numa procissão	604
363. Fanfarras a abrir uma procissão	606
364. Velas de cor.....	608
365. Cores das velas da coroa do Advento.....	609

41 Visita pascal

366. Visita Pascal.....	611
-------------------------	-----

42 Bênçãos

367. Uso de bandeiras na Liturgia	612
-----------------------------------------	-----

**IGREJA, SACERDÓCIO
E FÉ CRISTÃ**

43 Igreja ao Serviço de Cristo

368. Olhar de Bento XVI sobre a Igreja..... 616
369. Igreja, assembleias litúrgicas e fé 617

44 Sacerdócio dos Ministros

370. Ordenações..... 620
371. Aniversário de Ordenação presbiteral 621

45 Aprofundamento da fé

372. A fé da Igreja católica sobre Maria, Mãe de Jesus 623
373. Catecismo Jovem da Igreja Católica..... 629
374. Às voltas com a moral sexual..... 631
375. Como dar início a um processo de beatificação..... 635

**AO SERVIÇO DA LITURGIA
EM PORTUGAL**

46 Responsáveis e Órgão Executivo

376. Conferência Episcopal Portuguesa 638
377. Secretariado Nacional de Liturgia 639